



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO**  
**EM ARTES E MÚSICA**

**CÉLIO RIBEIRO DIAS APINAGÉ**

**A MÚSICA DO POVO PANHÊ: um estudo com cantores indígenas da Terra Apinajé**

Tocantinópolis (TO)  
2020

**CÉLIO RIBEIRO DIAS APINAGÉ****A MÚSICA DO POVO PANHÍ: um estudo com cantores indígenas da Terra Apinajé**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Educação do Campo com Habilitação e Artes e Música, foi julgada adequada para a obtenção do título de licenciado(a) em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof.: Anderson Brasil.  
Coorientadora: Profa.: Aline Campos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A642m APINAGÉ, CÉLIO RIBEIRO DIAS APINAGÉ.  
A MÚSICA DO POVO PANHÍ: um estudo com cantores indígenas da  
Terra Apinajé. / CELIO RIBEIRO DIAS APINAGE APINAGE. –  
Tocantinópolis, TO, 2020.  
50 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2020.

Orientador: Anderson Brasil

Coorientadora : Aline Campos

1. Música Apinajé.. 2. Povo Indígena Apinajé.. 3. Terra Indígena Apinajé.  
4. Educação do Campo. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

CÉLIO RIBEIRO DIAS APINAGÉ

**A MÚSICA DO POVO PANHÍ:** um estudo com cantores indígenas da Terra Apinajé

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Educação do Campo com Habilitação e Artes e Música, foi julgada adequada para a obtenção do título de licenciado(a) em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof.: Anderson Brasil.  
Coorientadora: Profa.: Aline Campos

Data de Aprovação 17 /12 /2000.

Banca Examinadora:

*Anderson Fabrício Andrade Brasil*

---

Professor (a) Orientador(a): Anderson Fabrício Andrade Brasil

*Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé*

---

Professor(a) Examinador(a): Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé

*Raimundo Nonato de Pádua Cância*

---

Professor(a) Examinador(a): Raimundo Nonato de Pádua Cância

*Davi Wamimen Chavito Apinagé*

---

Professor(a) Examinador(a): Davi Wamimen Chavito Apinagé

TOCANTINÓPOLIS, TO  
2020

## AGRADECIMENTOS

Ao meu povo, o povo Apinajé.

A minha família, que acreditou e me ajudou nessa trajetória do curso.

Aos meus colegas do Curso de Educação do Campo.

A Cleonice Apinagé.

A Zé Cabelo.

A Edison Apinagé.

A João Apinagé.

A todos os cantores do meu povo.

**RESUMO:** Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com quatro cantores indígenas na terra indígena Apinajé. O estudo buscou verificar o motivo da diminuição na formação dos cantores Apinajé. A metodologia escolhida foi a Etnohistória, com a aplicação de entrevistas individuais, filmagens e fotografias com os cantores convidados.

**Palavra-chave:** Música Apinajé. Povo Indígena Apinajé. Terra Indígena Apinajé

**KAGÁ JARENH GRIR:** Iskoore ho hapêêxà hã kagàja na pesquisa kêp qualitativa kot Apinaje nhõ pika kamã me grer nhõxwynh ho axkrut nepxi ne kôt pyhxi ne me hã kagà nhipêx na ja. Na pre kagàja Apinaje kaper kamã memoj myrapê me kot mer grer mar kêt wynh kôt memoj pumunh kaxyw na kagàja. Ne memoja kôt omunh mex kaxyw na pre Etnohistoria o ane ne kaxyw apynhã me grer nhõ xwynh jê me kukja. Ne mãã nenh me karõkwry ne me karõ jamynh xà ho mekarõ jamy.

**Kagàja Kamã me kaper:** Apinaje me grer. Panhi apinajejaja. Apinaje nhõ pika.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O TRILHAR DE UM APINAJÉ ATÉ A UNIVERSIDADE.....	8
2. MEU POVO, EU, A MÚSICA E A UNIVERSIDADE .....	13
2.1 Meu acesso à universidade.....	13
2.2 As dificuldades enfrentadas por mim na universidade.....	14
2.3 Os Apinajé.....	16
3. METODOLOGIA.....	20
3.1 Justificativa .....	20
3.2 Problema de pesquisa.....	21
3.3 Objetivos .....	21
3.4 Opções metodológicas .....	22
3.4.1 Pesquisa Qualitativa .....	22
3.4.2 Etnohistória .....	23
3.4.3 Contato com o campo de pesquisa .....	24
3.5 Procedimentos metodológicos.....	24
3.5.1 Coleta de dados .....	24
3.5.2 Diário de campo .....	24
3.5.3 Roteiro de entrevista.....	25
3.5.4 Realização da entrevista.....	25
3.5.5 Filmagens e fotos .....	25
3.5.6 Elaboração do roteiro .....	26
3.5.7 Transcrição das entrevistas.....	26
3.5.8 Tratamento de dados .....	26
4. MINHA PESQUISA .....	27
5.1 A música do meu povo.....	33
5. MINHAS PALAVRAS FINAIS .....	40
REFERENCIAS.....	48
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO: O TRILHAR DE UM APINAJÉ ATÉ A UNIVERSIDADE

Esta é uma história sobre a vida de um jovem do povo Apinajé, que desde criança sempre sonhava e acreditava chegar um dia no seu sonho tão desejado. E essa pessoa é Célio Ribeiro Dias Apinagé. Utilizo está grafia porque é como muitos de meu povo foram registrados, como está na minha carteira de identidade, como mostra Giralдин:

Ha duas formas de grafar o etnonimo Apinajé. Uma delas e sem acentuação no e final. Outra é Apinajé, com acento agudo no e final. Aqui aparece também no nome de Cassiano, Apinagé, com g e é acentuado. A grafia Apinaje (sem acento agudo) refere-se a forma como os Apinaje escrevem quando estão utilizando a sua ortografia, pois nesta o som e (como na palavra pe, em português) e grafado sem o acento agudo. Mas, quando eles estão escrevendo em português, utilizam o e acentuado, pois na língua portuguesa o som e, tem acentuação aguda. A grafia Apinagé, que aparece no nome de Cassiano, refere-se a forma como foi grafado no cartório de registro civil, quando foi lavrada sua certidão de nascimento. (GIRALDIN, 2018, p.129).

A minha forma de escrever pode ficar diferente quando você ler, mas o português não é minha língua, eu falo Apinajé e esse trabalho é obrigatório ser entregue em uma língua que ainda tenho dificuldade de escrever: o português.

Nasci na aldeia São José<sup>1</sup> no dia 4 de janeiro do ano de 1996. A minha história e o meu ciclo de vida se iniciou nesse ano. A minha família morava na aldeia São José, toda história da minha infância aconteceu na São José e nas outras duas aldeias que a minha família viveu. Sou filho da dona Pedrina Dias Ribeiro Apinagé e Sebastião Dias de Sousa Apinagé.

Tenho 4 irmãos, sendo 2 meninas e 2 meninos, incluindo eu. Somos 5 homens, sou o segundo irmão adulto da família. No começo a minha família ficou na aldeia São José por quatro anos, nesses quatro anos a primeira aldeia que a minha família se mudou foi para aldeia Buriti Comprido. Essa aldeia foi fundada pelo marido da minha tia, irmã do meu pai. Essa aldeia ficava muito distante de outras aldeias, a única aldeia que ficava perto é a aldeia Cocalinho, essas duas ficavam perto uma da outra.

Quando a minha tia e seu marido decidiram que iam fundar uma aldeia, convidaram os meus pais para irem com eles, com mais seis famílias que foram para esse lugar onde essa aldeia seria fundada. Esse lugar é localizado perto de um local mais conhecido como

---

<sup>1</sup> São José é a maior aldeia localizada no município de Tocantinópolis – TO, ficando à 18 km de distância do centro da cidade. A região é conhecida como Bico do Papagaio.



Veridão, onde tinha um trevo de uma BR que liga as cidades de Maurilândia e São Bento do Tocantins. Nesse trevo tinha um posto de vigilância que a FUNAI<sup>2</sup> construiu para monitorar as reservas indígenas do povo Apinajé.

O grupo de minha família saiu da aldeia São José e chegou no lugar onde não existia casa. Só tinha o posto, pela história contada por minha mãe. Quando nós chegamos ficamos no posto da Funai. Quando passou três dias, as famílias saíram para buscar madeira para construir as suas casas. Na época, me lembro que o meu pai construiu uma pequena casinha para a gente morar, era coberta de lona preta e ficava perto de uma árvore. Até hoje eu imagino que estou lá nesse lugar.

Nesse lugar, até hoje recordo de algumas lembranças que nunca saíram da minha cabeça e que estão gravadas na minha mente, como nos momentos de felicidade, nas brincadeiras, nos momentos de tristeza, na dor e na doença. No lugar na aldeia onde eu tive os meus primeiros anos de escola, na aldeia Buriti Comprido, eu tinha quatro ou cinco anos. Fiquei um ano estudando lá com os primos, tios e tias e com outros meninos, me lembro que nós não estudávamos na aldeia, a escola ficava no Veredão, onde ficamos quando nós chegamos da aldeia São José.

Nós estávamos felizes na nova aldeia, mas aconteceu um caso que abalou todas as famílias que foram para o lugar, inclusive a nossa família: o falecimento do fundador da aldeia. Foi um falecimento que nós não esperávamos que iria acontecer. O homem era muito jovem ainda e, com isso, todas as famílias que foram com ele voltaram para a aldeia São José, junto com o corpo do falecido. O corpo dele foi enterrado ali na velha aldeia, onde é o cemitério da comunidade das aldeias São José e de outras aldeias.

Os dias se passaram e poucas famílias voltaram para o local onde fica a aldeia. O falecimento do fundador da aldeia fez com que a minha família não voltasse mais. Com isso, ficamos na aldeia São José e a minha história continuou acontecendo ali. Com a nossa volta pra São José eu não desisti dos meus estudos, entrei na escola logo no primeiro dia de aula. Eu me lembro que fiquei com muito medo da professora e dos meus colegas e não queria voltar para a escola, mas mesmo assim a minha mãe sempre acreditou em mim. Por isso, todos os dias ela me levava para escola e ficava comigo dentro da sala até a aula terminar. Os dias se passaram, até que eu me adaptei ao lugar da escola, a partir daí eu ia sozinho para a escola.

---

<sup>2</sup> Fundação Nacional do Índio

Até hoje tenho na cabeça algumas brincadeiras que tive na escola e até a professora que dava aula para mim na época, ela ainda dá aula na escola da aldeia São José. Na aldeia São José ficamos lá por quase cinco anos e eu já estava estudando na 5ª série na escola, quando a minha família se mudou de novo para outra aldeia. Eu não fui com eles. Essa aldeia hoje é conhecida como aldeia Boi Morto. A saída da minha família da São José para Boi Morto foi pelo convite da família da minha mãe, a primeira que nós fomos morar. Nós fomos para a aldeia Boi Morto e ficamos morando lá. Com o passar dos dias nós não construímos a nossa casa, mas colocamos roça para plantar as coisas para a gente comer, tipo mandioca, fava, milho, batata doce, feijão e abóbora.

Hoje ainda tenho na cabeça algumas lembranças da roça, com os meus pais plantando sementes no primeiro dia de chuva, junto com os meus irmãos pequenos. Nós morávamos na casa de um familiar da minha mãe, mas eu fiquei na casa da minha vó na aldeia São José para estudar, só ia no final de semana para visitar eles. Nesse lugar, me lembro que brinquei muito lá nos momentos de tristeza e de felicidade. Na época ainda não existia estrada e os carros não iam para lá, por isso, a única opção que as pessoas tinham para chegar lá era ir caminhando.

Nessa aldeia também eu ouvi muitas histórias com uma senhora. Na época não existia energia elétrica, só existia a luz do dia. E a noite, a luz das estrelas. As vezes debaixo da luz da lua os momentos das histórias eram muitos legais. Quando os meus pais decidiram voltar para a aldeia São José, porque acontecia na aldeia um problema entre as famílias, tivemos que sair de lá e voltar para aldeia São José. Chegamos na São José e ficamos até 2009. Nesse ano, de novo, a minha família decidiu fundar uma outra aldeia, que não ficava muito longe. Minha mãe foi convidada de novo e ela aceitou o convite. Nós fomos e não fiquei mais na São José, fui com eles ficamos morando lá. Até hoje ainda estamos morando nessa aldeia. Como a aldeia ficava perto da aldeia São José, eu ia de lá para estudar na aldeia São José.

Durante toda vida, se mudando de um lugar para outro, quase que desisti de estudar. Mas a minha mãe conversou muito comigo sobre essa decisão que tomei. Com isso, me deu um incentivo muito grande e não desisti dos estudos. Toda a minha história de escola aconteceu ali na aldeia São José, na época que entrei na escola as aulas eram dadas em uma casinha construída de telha e cada casa tinha duas salas para dar aula. Eram cinco casas, uma era muito maior. A estrutura que a escola tinha naquela época não era igual como nós vemos hoje. Em 2004 o Governo do Estado construiu uma nova escola e mudamos para lá.

O resto da minha história escolar aconteceu na nova escola, onde estudei até o ano de 2013, concluindo o meu ensino médio e saindo da escola com 17 anos de idade. O meu sonho era estudar na universidade para ser alguém na vida e logo no outro ano, em 2014, surgiu a primeira chance de trabalhar para ganhar o primeiro dinheiro. Surgiu quatro vagas na escola na aldeia São José, tive que participar porque a classificação era feita pela prova. Fiz a prova e passei, mas não fiquei muito tempo trabalhando lá, o cargo do trabalho era de vigia.

Fiquei dois meses trabalhando na escola e sai porque acontecia um problema na escola. Nesse período, surgiu a inscrição para fazer a primeira prova de vestibular no município de Tocantinópolis no Tocantins e surgiu também inscrição para Universidade Federal de Goiás – UFG. Fiz as duas inscrições. Mas quando fiz a prova eu fui muito mal e não passei em nenhuma das provas. As chances se foram, mas mesmo assim eu não desisti. Tinha esperança que um dia eu iria conseguir e continuei estudando sozinho, lendo e buscando informações para um dia fazer uma boa prova e, o principal, a redação.

Em 2015 surgiu um novo ano e as oportunidades apareceram novamente. Fiz outra vez duas inscrições: uma para a UFG e finalmente outra para o curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Desta vez me preparei bem para a prova. Teve cursinho na aldeia São José, em parceria do Cacique com a Prefeitura. Eu participei até o término do cursinho e foi muito bom. Quando foi no final, eu já tinha feito as duas inscrições, mas fiz só uma prova e deixei uma para trás. Naquele momento a minha decisão era fazer a prova da UFG e deixar a prova da Educação do Campo para o próximo ano.

A prova para UFG era feita em Imperatriz - MA, só no final do ano. A prova da Educação do Campo era no começo do ano, por isso fiz a prova da Educação do Campo primeiro. Quando saiu o resultado eu não acreditava que eu iria passar, mas chegou a notícia para mim que eu fiquei em primeiro lugar na classificação para vaga. Naquele momento eu não acreditei, quando foi no outro dia fui para Tocantinópolis para ver o resultado. Cheguei na cidade e fui direto para a UFT para ver os nomes que foram classificados e ver o meu nome ali, no primeiro lugar... naquele momento não acreditava, mas fiquei muito feliz naquele momento.

Para fazer a prova de Educação do Campo a única pessoa que chegou em mim e me incentivou foi o meu tio Luiz Dias Apinagé. No momento eu não iria fazer a prova, mas ele conversou comigo para eu fazer a prova e, graças ao conselho dele, eu fiz a prova e deu tudo certo. Em alguns dos momentos da minha vida eu já não acreditava que um dia iria passar na prova de um curso, mas essa minha incerteza chegou ao fim quando passei na prova. Na

época que passei na prova eu tinha 19 anos de idade e durante todos esses anos que eu passei aqui na Universidade passei por momentos difíceis e momentos bons também.

Hoje eu relembro de alguns momentos da minha vida e do caminho que percorri para chegar até à universidade e vejo que o tempo não demora muito para passar. Durante a trajetória que eu estou tendo aqui na universidade, o meu objetivo é escrever alguma coisa a respeito da nossa cultura, quero fazer um registro sobre a nossa música, a música Apinajé.

Essa é a minha história de vida. Durante a minha infância e também durante a trajetória na escola, a chegada na universidade foi um dos meus principais objetivos. Na universidade estou passando pelos últimos momentos como discente, dentro de uma instituição como a Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis. Desde do primeiro dia que eu entrei na universidade a dificuldade era muito maior, mas como nós vivemos aprendendo, aprendemos com as coisas que acontecem nas nossas vidas, e eu aprendi com esses momentos na universidade.

## **2. MEU POVO, EU, A MÚSICA E A UNIVERSIDADE**

### **2.1 Meu acesso à universidade**

Morando na aldeia e um dia estudar na universidade é um sonho que a maioria dos jovens indígenas tem. Mas esse sonho na maioria das vezes os jovens indígenas não acabam conquistando, desistem desse sonho. Mas não por falta de esforço. A desinformação é muito grande na aldeia. Quando chega alguma coisa na aldeia os jovens não sabem por onde começar. Porque para nós índios a cidade e aldeia são espaços muito diferentes, a comparação de vivências nesses dois espaços é completamente diferente.

Para nós, índios, na cidade tudo acontece rapidamente e a gente não tem a noção quantas coisa acontecem por lá em cada dia. Mas acreditamos que como nós indígenas já estamos incluídos nas leis dos brancos, nesse caso, hoje consideramos a cidade um local que a gente resolve as nossas coisas, principalmente nos casos de saúde e entre outros casos.

Por muitas vezes a gente acaba ficando com medo e acabamos não saindo de nossas casas na aldeia, ficando ali para sempre e não conhecendo novas coisas que tem no mundo afora, como são as coisas que acontecem fora da aldeia.

No começo da corrida para universidade foi um pouco difícil porque quando você é muito jovem em busca de alguma coisa, a incerteza é muito grande e isso vai te impedir de acreditar muito em si. Mas mesmo assim, não desistindo e continuando tentando até chegar. Essa tentativa vai servindo como aprendizagem para você em alguns momentos.

Antes de entrar na universidade a gente pensa que dentro da universidade tudo é muito bom demais. Quando a gente entra e se depara com um monte de regra, nós acabamos não entendendo. E essas dúvidas é uma das coisas que traz medo para gente.

Nós índios sabemos que a educação superior por muitos anos não era oferecida para nós, mas com as lutas conseguimos e fomos aceitos para estudar nas Universidades. Isso tem feito uma corrida de muito dos jovens para buscarem os seus sonhos fora da aldeia. Mas a maioria não consegue chegar ao seu objetivo que é estudar na universidade.

Esses motivos vêm através dos sonhos que a gente adquiriu através de novas coisas que estão se desenvolvendo nesse novo momento que está passando. Nesse caso, acreditamos que não só indígenas que estão querendo esse sonho, todo mundo quer estar dentro de uma sala na universidade. Porque sabemos que hoje em dia precisamos estudar para que esse estudo sirva como uma ferramenta para que nós possamos se defender através de nossos conhecimentos que adquirimos na universidade. Os encontros do nosso povo com as pessoas da universidade têm ajudado nesse contato.

Foto 01 -Visita de professores da UFT a Escola Indígena Matik



Fonte: Acervo do autor

## 2.2 As dificuldades enfrentadas por mim na universidade

Na universidade, quando você é novato, vai ter diversos problemas dentro da universidade, como no caso da fala do português, no comportamento e principalmente no espaço onde você está. Quando entramos na universidade pela primeira vez o motivo é de muita alegria, mas não sabemos o que vai vir depois. A dificuldade é por causa dos anos que a gente passa dentro da nossa aldeia sem ter nem um contato com o homem branco.

Nos índios acreditamos que a educação indígena precisa melhorar muito na questão no ensino. Porque quando um aluno entra na universidade, ele vai enfrentar diversos problemas como o caso da fala e do aprendizado. O sistema de educação indígena é muito diferente da dos *Kupê*.

Mas essa dificuldade enfrentada pelo meu povo vai diminuindo com o passar dos períodos que passamos e, aos poucos, a gente vai acostumando. E uma das dificuldades que a gente acredita, e que demora muito para gente se acostumar, é mexer com as novas coisas tipo as tecnologias, o uso de celulares, etc. Outra dificuldade que a gente enfrenta são os trabalhos que os professores passam para gente. Pedem os trabalhos de forma organizada, a gente se esforça para tentar fazer tudo de acordo com o pedido dos professores. Mas a

maioria dos trabalhos acaba não saindo da forma que eles pedem. E a única ajuda que necessitamos é dos monitores dos cursos. Acredito que no começo você precisa da ajuda dos monitores. No decorrer do curso você já vai conseguindo fazer trabalhos e outros tipos de atividade sozinho, sejam até na apresentação dos trabalhos na sala, etc.

Nós alunos indígenas antes de entrar na universidade não temos nenhuma noção de todas as coisas que são feitas na universidade, como as regras e organização. Com essas regras e entre outras a gente fica até com medo de fazer coisas ruins, porque a gente se sente dentro de uma instituição que devemos respeitar as regras e devemos cumprir tudo o que for pedido. Com isso, na maioria das vezes a gente fica calado o tempo todo. E, além disso, outra coisa que nos traz medo são pessoas desconhecidas dentro da universidade. Esse medo já vem desde quando a gente saímos de nossas casas para entrar na universidade. Porque sabemos que existe na sociedade não-índio diversas violências, e quando a gente entra no espaço, como na universidade, ficamos com medo. Porque na sociedade não-índio se anda com atenção. E se faz coisa com direito e de forma correta.

E uma das coisas que também é um desafio para os alunos indígenas dentro da universidade é ter um contato de amigos e de aproximação com os professores e dos alunos não indígenas. E também de acolhimentos dos alunos dentro da universidade para que se sinta confiante e a vontade no espaço. E nós, alunos indígenas, necessitamos de um professor indígena na universidade para facilitar um pouco as coisas na universidade.

E, na maior parte, não sabemos muito bem como é ser um aluno acadêmico dentro da universidade para aproveitar as coisas que são oferecidos para gente, mas isso vai demora algum tempo. Só depois que você vai se dá conta que você está num espaço que a maioria dos jovens que querem estar, é aí que você vai aproveita as oportunidades que são oferecidas para nós indígenas.

E outra que impede a gente é a fala do português e o entendimento dos professores. Porque em todas as universidades possuem professores de vários cantos, com isso, na sala de aula nós alunos sofremos também com esse problema. Porque quando a professora pensa que estamos entendendo bem a sua fala, essa professora está se enganando, porque nos alunos não estamos bem preparados.

Essas dificuldades por muitas vezes impedem nós alunos a prosseguir no curso, mas o curso tem que se esforçar de tudo para atender as necessidades e as dificuldades dos alunos dentro da universidade. E há outras dificuldades que os alunos enfrentam, mas isso tem que ser muito bem analisado e fazer consultas aos alunos para saber dessas dificuldades. Para os

indígenas ou para as pessoas que são de um lugar muito diferente que nunca teve acesso a esses lugares sempre vai existir para eles neste lugar muitas dificuldades.

### 2.3 Os Apinajé

O Povo Apinajé está localizado numa região conhecida como bico do papagaio, no norte do estado do Tocantins, região que fica entre a bacia dos rios Tocantins e Araguaia. Os Apinajé habitam atualmente o município de Tocantinópolis e frequentam mais o município em várias situações como resolver as suas coisas, seja saúde, compras e situações judiciais.

Segundo Albuquerque (2007) os Apinajé apareceram pela primeira vez sob esse nome em fins do século XIII, datam de 1793 as primeiras notícias sobre os Pinagé ou Pinaré, este lugar seria a região entre rio Tocantins e rio Araguaia. De acordo com a literatura, o nome da comunidade foi citado pela primeira vez na forma de pinarés e pinagés, passando, posteriormente, para Apinajé. Nimuendaju (1983) afirma não ter nenhuma explicação para esse nome. Segundo o autor, o sufixo pessoal –yé, das línguas Timbiras<sup>3</sup> orientais, soa no próprio Apinajé. Há uma hipótese de que o nome tenha sido dado pelos timbiras, não sendo, portanto, uma autodenominação primitiva dessa etnia.

Na história contada pelo próprio povo Apinajé, conta-se que há muitos anos atrás o povo conhecido hoje como Apinajé tinha conflito com outros povos indígenas pelas regiões e territórios e eram um povo que gostava de matar e deixavam os corpos no lugar, para as outras etnias não retornarem e irem embora da terra Apinajé. Os Apinajé eram o povo valente e bravo. Com isso, outros povos que tinham conflitos com os Apinajé adotaram diversos nomes para se referir ao povo Apinajé, um desses nomes acabou ficando como identidade desse povo. E hoje todo mundo os conhece como Apinajé.

Essa história sobre o nome do povo Apinajé também é um dos frutos de acontecimentos que ocorreu com o povo há muitos anos atrás, antes do contato com os não-índios. Essa história vem dos conflitos que o Apinajé tinha com outros povos. O caso ocorreu no rio Tocantins para o rio Araguaia, era uma batalha sangrenta que os Apinajé tiveram com os vizinhos da região pelo território (Ladeira, 1996). Segundo o povo Apinajé a batalha ocorreu primeiramente pela terra firme e depois foi para o rio, e esse rio era o rio Tocantins e a batalha seguiu para o rio Araguaia. Lá a batalha terminou com a vitória dos Apinajé e

---

<sup>3</sup> Família linguística Jê, que estão situados nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins.



nessa batalha se destacou um guerreiro Apinajé conhecido com o nome “kuwenh kaukre”. Nessa época os Apinajé eram um dos povos que tinham habilidades e técnica em navegações.

A história conta que os Apinajé possuíam embarcações próprias, estando familiarizados com as navegações dos rios Araguaia e Tocantins. As embarcações dos Apinajé eram tipo “uba”, como as dos Karajá e Guajajra, construídas de troncos de árvores escavados (Nimuendaju, 1983, p.3). O pesquisador relata que os Apinajé eram a única etnia Timbira a fabricar tais embarcações. Para o autor, provavelmente, os Apinajé aprenderam a arte de navegar dos Xambioá-Karajá. (Nimuendaju, 1983).

Depois dessa época, os Apinajé foram colonizados pelos não-indígenas quando o Brasil foi invadido pelos portugueses. E os Apinajé acabaram tendo contato muito constante com os bandeirantes que na época exploram as regiões de todas as partes dessa terra recentemente descoberta. Com isso, em algumas épocas quase a população indígena Apinajé desapareceu do mapa. Isto não aconteceu por acaso, foi por causa de tantas visitas que os não-índios faziam na época aos Apinajé. Porque os índios não possuíam anticorpos contra as doenças que não eram deles, com isso muitos povos desapareceram no Brasil quando foi invadido em 1500.

Apesar da guerra e da varíola, os Apinajé formavam, na ocasião, uma das comunidades indígenas mais numerosas da região, totalizando 4200 integrantes. Em 1859, uma das três aldeias das então existentes foi visitado por Vicente Ferreira Gomes, que calculou o número total de índios entre 1800 a 2000. Em 35 anos, entretanto, esse total diminuiu para menos da metade. Em 1897, somavam apenas 400 habitantes. Sendo que, em 1828, os índios Apinajé totalizavam apenas 150 pessoas (Albuquerque, 2007, p. 201).

Por causa disso os Apinajé, por várias vezes, mudaram de lugar das suas vivências para se afastar mais dos não-índios e tentar aumentar mais a sua população que era mais importante naquela época. Nesse caso as escritas que já foram feitas sobre os Apinajé falam de muitas mudanças que eles fizeram naquela época (Albuquerque (2007, p.212). Assim, na década de 20, com a população muito reduzida, os Apinajé abandonaram a aldeia Alegria, procurando a regiões Ribeirões, Bacaba e São José, afastando-se das margens do rio Tocantins e cedendo as suas terras aos povoados da região.

Esse distanciamento dos Apinajé da margem do rio Tocantins trouxe resultado muito importante para o povo com a intenção de aumentar a sua população e das doenças que contaminavam o povo quando eles ainda ficavam perto da cidade de Boa Vista na época. Esse distanciamento prejudicou a prática de se deslocar nas águas e dificultou a pesca também. Ao longo dos anos de contato com a sociedade envolvente, os povos Apinajé vem

tentando manter-se enquanto comunidade minoritária, enfrentando conflitos tanto de ordem social quanto linguística, religiosa e cultural. Mesmo diante de tal situação, os Apinajé têm aumentado suas aldeias e conseqüentemente a sua população (Albuquerque, 2007, p. 212)

Esse contato com os não-índios não só fez a quase extinção desse povo, durante muitos anos tendo contato constante, algumas situações na sociedade Apinajé também mudou, como no caso a língua e a cultura, como descreve Nimuendaju (1983).

Apesar de manter contatos prolongados com a sociedade brasileira, os Apinajé se distinguem dos regionais por alguns traços que tendem desaparecer. No caso masculino são os cabelos (maiores que os usados no sertão), os furos dos lóbulos das orelhas (somente encontrados nos homens mais velhos da comunidade) e, no caso das mulheres, a vestimenta que deixa o busto nu, exceto quando vão a Tocantinópolis e as outras cidades vizinhas (Albuquerque, 2007, p.205).

O foco desta pesquisa bibliográfica é desvendar alguns mistérios que a música Apinajé tem e, além disso, falar também como é que acontecem os ensinamentos de música na comunidade Apinajé nos dias de hoje. A música indígena é uma coisa muito importante para esses povos. Tudo que acontece no mundo indígena está diretamente ligado a música. Seja no trabalho, nas caçadas, na pesca, etc. Desses fatos que a música Apinajé foi inventando muitos instrumentos para usar durante a execução dos eventos religiosos. Ainda há crença na espiritualidade dos seres da natureza domina as atividades Apinajé, tanto que eles conversam com as plantas e animais, acreditando estarem sendo ouvidos pelos espíritos destes seres. Os princípios da crença no espírito das pessoas, das coisas e do dualismo diametral e concêntrico que regem o universo representacional dos Apinajé, também influenciando tudo o que se relaciona com seu sistema musical, com seus instrumentos musicais e as maneiras de transmissão de sua identidade cultural. (Rodrigues 2015, p 4).

No sistema musical do povo Panhí<sup>4</sup> o ensino da música é muito respeitada pelo povo, com isso para se entender à música Apinajé tem que estar com muita atenção, não é fácil entender as músicas indígenas. Inclusive, as músicas utilizadas pelos Apinajé são como uma segunda língua. Com isso, gera uma dificuldade muito grande, fazendo com que as novas gerações de cantores tenham dificuldade de entender a música e a letra da música. Vejo que essa dificuldade tem sido uma barreira para os jovens não se interessarem mais pela sua própria música.

---

<sup>4</sup> Como o povo Apinajé se auto denomina.

Nesse caso, hoje em dia, o povo mostra desinteresse pela sua própria música. Há muita coisa envolvida nesse fato, como na língua e a culturas de não-índio. Como escreve Rodrigues (2015), os Apinajé nos dias atuais também celebram várias festividades católicas, como os batizados das crianças, Festa de São Pedro (no dia 29 de junho e com brincadeira de mastro), São José (no 19 de março) e Festa da Nossa Senhora de Fatima (no dia 12 de outubro).

Foto 2. Cantor Zé Cabelo realizando cantoria na Aldeia São José



*Fonte: Acervo do autor (2016).*

Nota-se nestas festas católicas o forte domínio religioso dos jesuítas que vieram catequizar os indígenas da região no século XIX, eles deixaram suas influencias religiosas na nossa sociedade Apinajé. Ana Rosa Apinagé, em entrevista concedida ao pesquisador Wallace Rodrigues, fala que as músicas e cantos tradicionais não fazem parte de tais festas católicas, muitos do nosso povo só cantam as cantigas da igreja católicas (RODRIGUES, 2015, p. 42). Assim, essa pesquisa buscará ainda outras fontes bibliográficas para descrever sobre a música do povo Panhî.

### 3. METODOLOGIA

Nessa parte eu falarei um pouco dos caminhos e a metodologia que eu escolhi para a realização dessa pesquisa, descrevendo todos os processos, desde a escolha do problema de pesquisa, até a escolha da abordagem e da estratégia utilizada.

Como o objeto de estudo trata sobre a música indígena Apinajé, apresento neste capítulo a importância da abordagem qualitativa em uma pesquisa que trata de conhecer a música indígena Apinajé e seus processos de ensino.

Defendo a importância do objeto de estudo. Logo no começo apresento uma busca de bibliografia, livros e outras publicações que fiz e que falam sobre a música Apinajé. Utilizei investigação de campo em alguns eventos que o meu povo faz na comunidade do tipo cerimônias, etc.

Foi realizada também entrevista com três cantores e uma cantora de três aldeias diferentes:

- **Aldeia Pintada**
- **Aldeia Brejinhos**
- **Aldeia Furna Negra**

Todo o processo de registro aconteceu com a gravação de entrevista narrativa. As entrevistas foram realizadas com a devida autorização dos envolvidos na pesquisa, na coleta de dados. Na comunidade indígena, a autorização para se fazer alguma pesquisa é diferente, não precisa de um documento para autorizar como é feito entre os Cupê<sup>5</sup>. Entre os indígenas são feitas de forma verbal, mas para os não indígenas a autorização já é através de documentos e etc.

#### 3.1 Justificativa

Essa pesquisa se justifica pelo fato de que a comunidade Apinajé, nessa década, vem passando por diversas mudanças no aspecto social e principalmente cultural, permitindo uma diminuição na formação dos cantores Apinajé. O uso de tecnologias e outras coisas do homem branco tem ajudado no esquecimento da nossa cultura. As músicas das igrejas e a internet podem está mexendo na nossa cultura e é isso que eu quero pesquisar nesse trabalho.

---

<sup>5</sup> Esta é a forma como o povo Apinajé denomina as pessoas não indígenas.

### **3.2 Problema de pesquisa**

Desde os tempos mais antigos os Apinajé utilizavam as suas músicas em várias ocasiões e cerimônias que acontecem na comunidade. Mas com o passar das décadas, o povo Apinajé sofreu diversas invasões de não indígenas nas suas terras, inclusive nas aldeias. Muito de nossa cultura e das músicas foi esquecido por causa dessa invasão.

Este trabalho pretende trazer algumas histórias da música, de como os Apinajé fazem e cantam, de uma forma que já não se escuta mais nos dias de hoje na comunidade. Nos dias de hoje, acredito que os jovens não sabem como a música Apinajé é muito importante para a comunidade e para cultura do nosso povo.

Por isso, este trabalho tenta descrever alguns instrumentos musicais que eram utilizados pelo povo Apinajé nas suas músicas desde os tempos antigos e até nos dias de hoje. Percebo que nos dias de hoje acontecem poucas festas e cerimônias nas aldeias. Nas últimas cerimônias e festas que participei na comunidade, vi que poucos instrumentos estavam sendo utilizados. Essa observação gerou um problema para mim, me fazendo desejar realizar essa pesquisa a respeito da música Apinajé, onde meu objetivo é achar uma explicação para essas dúvidas.

Assim, neste trabalho tentarei investigar como funciona o ensino da música para o povo Apinajé, desde os tempos antigos, e como ela é ensinada hoje.

### **3.3 Objetivos**

#### **Objetivo geral**

Verificar quais mudanças tem acontecido no ensino da música Apinajé nesta última década.

#### **Objetivos específicos**

1. Verificar quais instrumentos ainda são feitos nas aldeias Apinajé;
2. Levantar quantos cantores ainda realizam apresentação musical nas aldeias;
3. Investigar se estes cantores mantem o ensino de cantorias para os jovens indígenas;
4. Levantar se existem motivos que tem levado o povo Apinajé a se afastar de sua cultura.

### 3.4 Opções metodológicas

As opções metodológicas foram escolhidas como o objetivo de entender o lugar da pesquisa e foram executadas de maneira clara e transparente. A escolha da estratégia de Etnohistória como estratégia de pesquisa na abordagem qualitativa me permitiu realizar a análise dos dados coletados de forma mais natural, cumprindo a função de mostrar os fatos da minha questão de pesquisa, numa forma cuidadosa, com a riqueza e respeito devido ao meu povo, o povo Apinajé.

A pesquisa em história indígena cresceu muito numericamente e em qualidade a partir da década de 1990. A partir deste período termos como “etnohistória” e “ história indígena” foram utilizados para descrever modelos de pesquisa realizadas com diferentes populações tradicionais em todo o Brasil. Cavalcante (2011) afirma que a Etnohistória tem mostrado o caráter interdisciplinar da pesquisa em história indígena e sua relevância social. Para o autor, por meio dessa estratégia tem sido possível aprender mais sobre a formação de recursos humanos para ensino e pesquisa em história indígena em contexto de educação básica e a ética profissional.

A pesquisa qualitativa e a Etnohistória foram muito importantes na coleta de meus dados e no processo de construção desta pesquisa, pois me permitiu preservar as informações e resultados que descrevem meu campo de pesquisa, valorizando a maneira que realizei a coleta e análise de meus dados. Essas informações que descrevi acima, surgiram a partir de minhas primeiras leituras do autor de metodologia científica, João Álvaro Ruiz, o qual me ensinou que método é “o conjunto de etapas e processos a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade” (RUIZ, 1985, p.131).

#### 3.4.1 Pesquisa Qualitativa

Escolhi a pesquisa qualitativa por achar que ela é uma abordagem que pode facilitar para o entendimento do meu problema de pesquisa e para o entendimento do meu campo empírico por ter uma dimensão subjetiva, com muitas riquezas de detalhes sociais, comuns ao meu povo. Os principais fatores que entendo como importante são: os locais, as conversas e as práticas sobre a música Apinajé, entre outros pontos.

Para entender e compreender melhor sobre a música Apinajé busquei temas que estavam voltados para o assunto da música Apinajé. Nesse caso, tentei conhecer cantores e

cantorias, eventos e comportamentos, fatores que considero muito importante para serem descritos aqui nessa pesquisa.

Segundo Bogdan e Biklem (1994) a pesquisa qualitativa privilegia essencialmente a compreensão dos comportamentos por parte dos sujeitos da investigação. Neste caso, procurarei aspectos da vida cotidiana dos cantores na comunidade. A intenção foi de buscar e compreender a experiência vivida pelos cantores na questão de sua própria música, dos detalhes que envolvem esse mundo, como ele é construído.

A importância do contexto onde será realizada a pesquisa resulta da visão de que o comportamento do ser humano é influenciado diretamente pelo seu contexto social, neste caso pela vida comunitária da aldeia. Por isso, foi escolhido por mim a pesquisa qualitativa. Stake (2011) descreve que não existe uma única forma de pensamento sobre a pesquisa qualitativa, mas uma enorme quantidade de formas. Ele diz que a pesquisa qualitativa é interpretativa, baseada em experiência de uma situação e humana.

Assim, eu vejo que cada pesquisador tem uma maneira diferente, cada um com sua própria interpretação, mas eles tratam de parte da história da vida de outras pessoas, pessoas únicas, mesmo que com modos de vidas parecidos (Stake, 2011).

Por isso, a escolha pela pesquisa qualitativa me permitiu conseguir respostas de questões subjetivas sobre a música na comunidade Apinajé, me levando a uma visão mais ampla do caso escolhido.

### **3.4.2 Etnohistória**

A Etnohistória é uma estratégia de pesquisa que tem as suas primeiras definições no ano de 1909. Sempre foi acompanhada de diferentes entendimentos sobre a sua cientificidade e rigorosidade por alguns pesquisadores, mas continua sendo uma estratégia de pesquisa muito utilizada pelos indígenas brasileiros que estão inseridos na academia (Cavalcanti, 2011). Ela surge em meio ao anseio por estudar os processos históricos da população indígena nos Estados Unidos (Cunha, 1989).

Esta estratégia de pesquisa consiste em uma construção teórica de um pesquisador/historiador indígena, o qual levanta uma posição acerca de seu mundo, sua sociedade, por meio de uma escrita decolonizada, com perspectivas “históricas próprias” (Trigger, 1982). A Etnohistória tem sido tema de muitos debates, em âmbito mundial e nacional.

### **3.4.3 Contato com o campo de pesquisa**

O contato com campo e o caso pesquisado não foi assim muito difícil por que como eu já convivía com a tema da minha pesquisa na comunidade, foi algo normal para mim. Para a coleta de dados foi necessário primeiro procurar os cantores da comunidade, que cantavam em diferentes rituais e em cerimônias, como casamentos, nomeação para as crianças e em outras grandes festas que atraem muito público, do tipo festa da tora grande<sup>6</sup>, entre outras.

A pesquisa será feita com quatro cantores das comunidades Apinajé que moram em três aldeias diferentes, com pouca distância de uma das outras. Nessas três aldeias foram coletadas as informações para realização deste trabalho.

## **3.5 Procedimentos metodológicos**

### **3.5.1 Coleta de dados**

Na coleta de dados foi preciso sair da minha aldeia para ir a outras três aldeias para buscar informações e dados. Para a aldeia Pintada, uma das mais distantes, eu tive ajuda de meu orientador, que me levou com o carro da universidade. As entrevistas foram feitas com cantores de idades entre 30 e 60 anos. Foram eles:

- ✓ **Cleonice Apinagé**
- ✓ **Zé Cabelo**
- ✓ **Edison Apinagé**
- ✓ **João Apinagé**

As perguntas para coleta dados e gravação de entrevistas foram elaborados em português, mas como os mais velhos as perguntas foram feitas em língua materna Apinajé. Busquei também a ajuda do meu orientador com a elaboração das perguntas, como dúvidas e orientações na hora das entrevistas.

### **3.5.2 Diário de campo**

O diário de campo foi muito importante como recurso para fazer esse trabalho, me ajudou a lembrar as coisas importantes das histórias que eu ouvi nos dias que visitei as

---

<sup>6</sup> Festa realizada para eventos de grande relevância na comunidade Apinajé, a exemplo dos rituais funerários.



aldeias. Nele eu anotei todos os fatos que aconteceram em cada dia, me ajudando a relembrar momentos que passaram para fazer esta pesquisa.

### **3.5.3 Roteiro de entrevista**

A preparação do roteiro da entrevista tinha como objetivo buscar questões que descrevessem as vivências dos cantores na comunidade Apinajé com a música. E as perguntas não foram difíceis. Elas tinham a intenção de entender o problema da pesquisa. As perguntas que eu fiz foram as seguintes:

- Qual seu nome?
- Qual idade?
- Onde você mora?
- Com quantos anos você aprendeu a cantar?
- Com quem você aprendeu a cantar?
- Você ensina música na comunidade?
- Gosta de cantar no seu dia a dia?
- Quais instrumentos são usados na música hoje em dia na sua comunidade?
- Como era a música Apinajé praticada antigamente?
- Como é a prática de música Apinajé na sua comunidade hoje?
- Tem algum objetivo na comunidade que pode fortalecer a prática da música Apinajé?

### **3.5.4 Realização da entrevista**

A aplicação das perguntas aos entrevistados foi feita de uma forma simples, como se fosse uma conversa. Tudo teve início como um bate papo, falei para os entrevistados o caso que eu estava pesquisando e porque estava fazendo a pesquisa. Depois eles falaram para mim sobre as músicas cantadas por eles nos eventos e nas festas.

O questionário teve cerca de 15 perguntas. Tentei fazer uma entrevista com dois cantores de uma vez só. Todas as questões foram aplicadas de uma única vez na entrevista, em função da dificuldade da distância entre as aldeias.

Foi usado para gravação das entrevistas apenas um aparelho de celular.

### **3.5.5 Filmagens e fotos**

Foram feitas filmagens e imagens das festas e dos cantores.

### **3.5.6 Elaboração do roteiro**

Na coleta de dados na entrevista tentei seguir o roteiro na pesquisa, mas acabei fazendo outras perguntas que vieram na minha mente. Mas antes da entrevista, tentei combinar com professor orientador para fazer as perguntas corretas, já que conhecia os cantores que foram entrevistados.

### **3.5.7 Transcrição das entrevistas**

Após eu terminar de realizar as entrevistas fiz a revisão de todos os dados coletados, buscando sempre a orientação do meu professor orientador. Eu tentei observar de forma atenciosa as escritas feitas no meu diário de campo, escutando também várias vezes as gravações das entrevistas e assistindo os vídeos gravados no meu celular das cerimônias que eu participei. Depois fiz a transcrição das falas dos indígenas entrevistados, como meu orientador disse, onde tentei achar respostas para as minhas perguntas.

### **3.5.8 Tratamento de dados**

No tratamento dos dados, as informações foram guardadas para que ninguém tivesse acesso, mostrei o material das entrevistas somente ao meu orientador. Com esse tratamento, retirei as informações que eu precisava, que eu necessitava. O tratamento dos dados foi feito com muita calma, nenhuma das informações foi dispensada até a conclusão da pesquisa.

#### 4. MINHA PESQUISA

Este trabalho de conclusão de curso busca mostrar a música Apinajé, sendo um dos poucos textos feitos sobre este tema. Com o passar dos anos dentro do curso de Licenciatura em Educação do Campo sempre vinha a minha mente que eu deveria escrever, mas já tinha uma ideia inicial, que seria algo sobre o meu povo. Neste caso, nasceu um tema na minha cabeça, “a música para o meu povo” que sempre foi uma das coisas que eu queria entender melhor a respeito. Então, decidi que eu tentaria escutar alguns dos principais cantores do povo, se tornando o meu trabalho de conclusão do curso algo importante também para o meu povo.

Durante muitas décadas o povo Apinajé foi tema de pesquisadores acadêmicos não-indígenas. Em minhas leituras verifiquei que a maioria destes trabalhos falam a respeito da cultura, tradição e o convívio do meu povo dentro da sociedade. No meu caso, estou tendo essa oportunidade de fazer um trabalho a respeito do meu próprio povo, da música do povo Apinajé.

O meu povo vivia no passado com um número de pessoas muito maior numa única aldeia. Nos relatos de meus avôs, os Apinajé eram um os povos com maior número de pessoas na região norte. Mas com o passar das décadas e com a chegadas dos bandeirantes na região onde os Apinajé dominavam, quase deixaram de existir na história do Brasil. Mas os Apinajé, como eles eram um povo inteligente, tiveram algumas estratégias e foram se afastando dos portugueses para que as doenças não chegassem a eles. Sobre a população Apinajé cito a fala de professor Francisco Edvigés quando descreve a ocupação do meu povo nas terras do estado do Tocantins:

A ocupação da comunidade Apinayé era o pontal entre o rio Tocantins e o baixo Araguaia. A trajetória histórica dos Apinayé não informa se essa região por eles ocupada teve, anteriormente, outros habitantes. Os Apinayé afirmam que, em alguns lugares perto da antiga aldeia (denominada Gato Preto), encontravam-se muitos fragmentos de louças, alguns com ornamentos plásticos, à superfície da terra. Isto leva a crer que, mesmo que por pouco tempo, essas terras tenham sido habitadas por índios de outras culturas. (ALBUQUERQUE, 2008, p.1).

De acordo com algumas pesquisas e entrevistas a respeito da música Apinajé tive o prazer de ouvir a história de que os Apinajé contam a respeito do surgimento da nossa música antigamente. Na história que é defendida e contada pelos Apinajé a respeito da música, o lugar onde surgiu a música foi exatamente onde os Apinajé foram vistos pela primeira vez pelos portugueses.

A existência do povo Apinajé na região do pontal até o rio Tocantins e rio Araguaia era muito antiga. Na história conta que foi nessa região que a música Apinajé surgiu e que foi composta por um Apinajé e mais três pessoas. E esse compositor Apinajé era chamado de PEP PUXIHTI na língua Apinajé. Na base desta história mostra que os Apinajé dominavam a maior parte desta região que hoje é conhecida como o bico do papagaio ou a região norte do Tocantins.

Figura 1. Mapa do Estado do Tocantins



Fonte: <http://www.palmas.org/indians/tocmapindios.gif>

Segundo o cantor Miguel Apinagé, um dos cantores mais velhos da comunidade, na entrevista que ele deu para mim, a música Apinajé surgiu de um caso que os próprios Apinajé fizeram na história naquela região, a região entre o rio Araguaia e Tocantins. Miguel me contou:

Os Apinajé eram o povo que gostavam de viajar e migrar para outras regiões. O compositor da música Apinajé, ele é considerado pelos cantores de hoje um gênio. Ele era uma pessoa que gostava de viajar para outras aldeias, visitando aldeias vizinhas. O nome desse compositor da música Apinajé, ele é reconhecido pelos cantores mais velhos da comunidade. Ele era chamado com o nome de “pep pixihti”.

Ele é um dos grandes nomes da história do surgimento da música Apinajé. Os cantores mais velhos dizem que se não fosse esse Apinajé, a música Apinajé não existiria (MIGUEL APINAGÉ, entrevista em 02/07/2019)

Com isso, antes da chegada dos portugueses na região onde os Apinajé habitavam, o povo tinha alguns conflitos por espaço no local. Mas mesmo assim, algumas músicas foram adotadas por outros povos como é o caso dos Krahô<sup>7</sup>. O povo Krahô é um dos que estão próximo dos Apinajé. Com isso, os Krahô acabaram pegando algumas músicas dos Apinajé para utilizar nas suas cerimônias e rituais na comunidade.

Na região onde os Apinajé estão localizados, somos considerados “povo timbira”. Neste caso o timbira que tem outros povos, tiveram facilidades de aproximar dos Apinajé para adotar um pouco de suas músicas. O povo Krahô também é considerado timbira. Como o povo timbira tinham contatos e relações fortes com meu povo Apinajé, isso facilitou que os dois povos trocassem um pouco de suas músicas entre eles. No campo da música Apinajé, a música é muito complexa e exige muita atenção, concentração para se conecta nela. O espírito da pessoa tem que se conectar com a música para que a pessoa possa entender, para aprender. Rodrigues fala sobre essa conexão na música com os espíritos dos seres da terra:

Ainda, a crença na espiritualidade dos seres da natureza domina as atividades dos Apinajé, tanto que eles conversam com as plantas e animais, acreditando estarem sendo ouvidos espíritos destes seres. Os princípios da crença no espírito das pessoas, das coisas e do dualismo diametral e concêntrico regem o universo representacional dos Apinajé, também influenciando tudo o que se relaciona com seu sistema musical, com seus instrumentos musicais e as maneiras de transmissão de sua identidade cultural (RODRIGUES, 2015, p. 41)

A música Apinajé foi feita na base disso, tudo que existe no mundo Apinajé e ao seu redor é muito importante para o povo e foi incluído na música. Acredito que todos os povos indígenas do Brasil afora têm essa relação com a natureza e espírito que existe ao seu redor. Neste caso, a música Apinajé é respeitada por aquele que a conhece e a entende. Como diz Lima e Pacheco:

Compreender a dinâmica dos Apinajé, e ver que tudo está conectado em cosmologias e saberes é ler a inter-relação do manuseio do material (a feitura do chocalho, a composição dos colares, pulseiras, no fiar das contas e sementes, a harmonia da plumagem nos cocares, a extração da tinta do jenipapo e do urucum para a pintura), com a organização social (quem ensina, quem aprende, quem representa, quem faz o colar, quem

---

<sup>7</sup> Povo Indígena Krahô

faz as pinturas), a linguagem (verbal – é o Apinayé a língua da tradição; não verbal: olhares, gestos, vestuários) e o simbólico (ter uma pintura horizontal é fazer parte do grupo do Sol (Kolti), já a marca do grupo da Lua (Kolré) é a pintura vertical, quem pode pegar no chocalho do cantador, além da sua energia, quais outras emanam naquele instrumento?). (LIMA; PACHECO, 2014, p. 230)

Neste caso a vida da sociedade Apinajé está diretamente relacionada com a música, que é entendida através da espiritualidade e da prática e produção de objetos musicais. Desde que a música Apinajé foi inventada o povo não vivia sem a música. Para os Apinajé a música é considerada uma das diversões típicas do povo na sua história. Isso tem relação com espírito e com a natureza. A música Apinajé não existe sem esses elementos.

Para entender melhor sobre a música, não precisamos de um livro para estudar, fazer leitura para conseguir conhecer a música. Na comunidade, na aldeia, a única coisa que temos que fazer para entender e conhecer música, ou qualquer coisa, é conversa com uma pessoa mais velha. Esse é o caminho que é feito para entender os fatos que desejamos conhecer na comunidade. Para entender fatos é preciso utiliza essa estratégia como diz Rodrigues:

A educação indígena se caracteriza, basicamente pela utilização de pessoas nos processos tradicionais (ancestrais) de ensino-aprendizagem de saberes, fazeres e costumes específicos de cada povo, e reforçando os laços entre os indivíduos desta sociedade e reafirmando a posição social daqueles que detêm saberes e fazeres característicos dentro de determinada sociedade indígena. (RODRIGUES, 2015, p. 41).

A linguagem usada no sistema musical Apinajé é considerada difícil, segundo os jovens que gostam da música Apinajé. Neste caso os jovens que dão menos atenção a sua música, eles não conseguem aprender rapidamente. Mas outros que dão mais atenção, aprendem facilmente. Mas os cantores e artesãos achavam que esse era o problema. E esse problema era provado com os fatos na cultura, como a cultura dos brancos e dos objetos tecnológicos como li no trabalho de Luciano, que diz: “Os povos indígenas estão inseridos no mundo globalizado, em que a política social, econômica e tecnológica influencia toda a vida do planeta, inclusive eles” (LUCIANO, 2011, p. 287).

Com a entrada de aparelhos e outras tecnologias a aprendizagem e a prática de algumas atividades que tem relação com a cultura do meu povo baixou muito na comunidade Apinajé, principalmente a prática da música em todas aldeias. Como descreve Rodrigues 2015, que observou em alguns momentos em que ele esteve na comunidade Apinajé durante a sua pesquisa:

Notei que alguns Apinayé vêm sofrendo muito, principalmente os mais idosos, com o desinteresse dos mais jovens em relação aos saberes e fazeres próprios e definidores deste povo. Francisco Dias Apinajé, mestre artesão da aldeia Serrinha, relatou-me que culpava a televisão por este desinteresse e pela vontade dos jovens de se tornarem os mais “civilizados” possível. Também eu pude notar, nitidamente, a distância dos mais jovens durante as atividades culturais que tive a oportunidade de presenciar. Eles se colocavam em grupos e, timidamente se reclusam em algum lugar para conversar. Poucos eram aqueles que se aproximavam para participar e isto pode ser confirmado através das fotografias das celebrações que presenciei, onde somente vemos pessoas mais velhas. (RODRIGUES, 2015, p. 187).

Com a presença de tecnologia e outras culturas, como a música dos brancos, fez com que os Apinajé se incorporassem numa nova forma de viver dentro da comunidade diante de tantas tecnologias que entravam na aldeia que era comprado pelo próprio povo Apinajé. Li no texto de Ladeira (2004, p. 143) que:

As escolas nas aldeias têm sido, com raras exceções, réplicas das escolas das cidades: a mesma proposta de currículos, de critérios de avaliação, carga horária, estrutura de funcionamento etc. A escola sendo pensada como possibilidade de que os grupos indígenas se “incluam” na sociedade nacional, abandonando com o passar do tempo o seu modo próprio de ser.

Segundo o meu entrevistado Edison Apinagé, em alguns dos momentos da aprendizagem da música a tecnologia ajudou na aprendizagem, por isso eu vejo que a tecnologia não é uma coisa só ruim, ajuda nosso povo também na questão do aprendizado. Dos três entrevistados na minha pesquisa, dois me confirmaram que tiveram ajuda desses meios tecnológicos para aprender música, por meio do rádio, gravação de fitas, etc. Somente uma das entrevistadas diz que não teve a ajuda desse meio tecnológico. A minha entrevistada Cleonice Apinagé foi a única que falou que desde criança a sua mãe a levava para as festas que eram realizadas em outras aldeias. Neste caso, ela aprendeu a cantar ouvindo os cantores cantando. Mas ela fala que continua aprendendo ainda hoje algumas músicas que ela ainda não conhece.

Essa presença de tecnologias na comunidade e nas aldeias, os mais velhos usam para ter algum benefício dela. Mas o mais difícil é com os jovens. Os mais velhos percebem que os jovens estão inseridos nessas novas vivências com as tecnologias e com isso eles tem acesso facilmente, mas não sabem usar para coisa boa, como aprendizagem. Os cantores entrevistados na minha pesquisa, todos eles, disseram que nas suas famílias, filhos e netos, ninguém sabe cantar. E não sabem tocar instrumentos que os próprios cantores usam durante

o canto das músicas nos momentos específicos. E os próprios cantores acham que é por causa dessas coisas, como celulares, músicas dos brancos e atividades esportivas, como futebol, entre outras atividades que são praticadas na comunidade. O cantor João Apinagé me contou:

Na aldeia pintada que canta músicas da festa de tora grande, na minha família nem um dos meus filhos e netos sabem cantar uma música que eu canto. E nem instrumento, acredito que como os jovens estão diante desses objetos dos brancos eles acabam não se interessando pela sua própria música, às vezes gostam, mas não conseguem dominar, todos eles sabem apenas três ou uma música. (JOÃO APINAGÉ, entrevista em 02/08/2019)

Os próprios cantores acham que a educação dos Apinajé já está esquecida nas aldeias e comunidades. Disseram que a música Apinajé deveria ser ensinada através das escolas. Porque os jovens, eles aprendem várias coisas nas escolas e a música deveria ser ensinada lá também. Mas as comunidades não sabem que nas escolas Apinajé não tem ainda um professor capacitado especificamente nessa área para ensinar música na escola. Com isso, muito dos jovens da aldeia tem técnica e capacidade para ser um cantor novo na comunidade Apinajé, mas, com a falta de uma pessoa que ajude esses jovens para que possam aprender a música do seu povo, a música pode ser esquecida pelo povo. O cantor João Apinagé me contou que ele tem sonhos de passar para alguém, filho ou neto, toda música que ele sabe. E um desses sonhos é fazer com que alguém escreva um livro só de música Apinajé, para que seja usado pelos professores para ensinar os alunos em escolas. E que isso poderia fazer a diferença no ensino de música nas escolas e principalmente ajudar na cultura do nosso povo Apinajé.

Foto 3. Cantor João Apinagé na Aldeia Pintada





*Fonte: Acervo do autor*

Existe hoje no povo Apinajé um projeto para que o povo tenha acesso a algum recurso, que seja usado para fortalecer e preservar a música, o projeto se chama: “Encontro de Cantores”. Esse projeto é organizado pela FUNAI em parceria com os povos Apinajé, para exatamente tentar resgatar parte da cultura que está sendo esquecida, uma delas é a música.

### **5.1 A música do meu povo**

Segundo João Apinagé, o povo Apinajé não existe sem a sua música, a vida e a cultura estão ligadas diretamente na música, não se separa de um do outro (JOÃO APINAGÉ, entrevista em 02/08/2019). Para o João, se os Apinajé perdessem a sua música, na visão dos mais velhos, seriam um povo qualquer, um povo de outro lugar, que não tiveram forças para resgatar sua cultura, que era muito valiosa para eles.

Hoje é muito triste ver e ouvir os relatos dos entrevistados a respeito da música Apinajé. Hoje precisamos fazer alguma coisa que possa fortalecer e resgatar a música do povo Apinajé.

Na minha percepção, a música do povo Apinajé ela pode ser fortalecida através da educação nas escolas. Porque hoje em dia os jovens já não querem mais sentar e ouvir história de seu povo. Na comunidade, a maioria dos jovens querem mais é jogar futebol e ouvir músicas dos brancos e também pegar a tecnologia de comunicação, como celular e entre outros aparelhos de uso pessoal. Segundo a minha pesquisa, a comunidade precisa da escola para reverter essa situação, se a escola não reagir o povo não vai mudar essa situação sozinho.

Hoje a dona Cleonice Apinagé conta histórias para os seus três filhos, porque um dia se ela morrer, eles já vão estar com pouco de conhecimento que ela possui. E ela canta em casa músicas que ela sabe, mas os seus filhos não querem ouvir e aprender. Eles passam o tempo estudando. Com isso, ela acredita que as escolas precisam fazer algo que possa mudar um pouco disso que ela me contou. Todos os meus entrevistados falam as mesmas coisas. A música está sempre com eles no seu dia a dia. Quando eles cantam uma música, eles voltam ao passado e relembram momentos muito importantes em festa na comunidade. E quando cantam eles se sentem bem. Segundo a minha pesquisa a música é um tipo de atividade que faz bem às pessoas que se sentem mal.

Se a música dos brancos, ou seja, dos *Kupe* faz bem a memória, a música Apinajé também faz bem para o bem da pessoa Apinajé. Uma das coisas que também é importante é a apreciação de música Apinajé. Eu pesquisando quando eu ouço alguma música do meu povo, eu aprecio ela e fico imaginando como era o povo e a sua música em tempos mais antigos.

A música do povo Apinajé é muito importante para a comunidade, por isso ela não pode ser esquecida. Os jovens precisam dela para conhecer o passado e história e memória do seu povo. Se a música for totalmente esquecida, as novas gerações de jovens não vão ter a oportunidade de conhecer a história do seu povo. Com a participação da dona Cleonice Apinagé, Zé cabelo, Edison Apinagé e o senhor da aldeia pintada, seu João, foi de extrema importância para o desenvolvimento desse trabalho. Um dia esse trabalho pode se tornar um exemplo para a comunidade e para o meu povo Apinajé e principalmente para os jovens.

A música para os Apinajé é a única coisa que eles ainda têm, que o povo usa para mostrar a sua identidade quando vão para algum movimento ou reunião fora da aldeia.

No povo Apinajé, mesmo com esse desinteresse dos jovens, na comunidade alguns deles querem aprender a música do seu povo. Nesse ano de 2019 fui à aldeia palmeira para fazer uma observação da música durante a festa da tora grande e no momento tive a oportunidade de ver a apresentação de um novo cantor jovem na comunidade Apinajé. Naquele momento, mesmo eu sendo índio, fiquei impressionado com apresentação dele para a comunidade. O momento foi de emoção e felicidade para o povo no campo da música e inclusive para os cantores mais velhos.

O povo Apinajé sempre viveu com a música. A única coisa que o meu povo quer é fazer um resgate da parte da cultura e a música que o povo ainda usa. Uma dessas culturas é cerimônia de casamento, cerimônia de quando alguma coisa acontece com uma criança, cerimônias de festas grandes, festa de *Wyty cate*, festa da tora grande, e entre outras festas que são realizados ainda pelo povo Apinajé. Segundo Zé cabelo, quando me deu a entrevista, ele acredita que com ajuda desses projetos<sup>8</sup> da FUNAI vão sair novos cantores no povo Apinajé e ele não fala só desse projeto, eles querem que a escola ajude nesse ensino também. Se eles fizerem isso mesmo não tem festas que acontecem em um certo momento eles não vão conseguir ensinar ou passar algo que os próprios cantores sabem. Zé Cabelo me disse:

Para se ensinar a música Apinajé não basta hoje pegar um jovem e cantar para ele. Essa pessoa não vai aprender num certo minuto, isso não vai dar certo. Precisamos que a escola

---

<sup>8</sup> Encontro de Cantores e Cantoras Indígenas

ajuda nós também nesse processo, só agente nós não vamos conseguir sozinho. Acredito para os jovens de hoje na comunidade Apinajé, o ensino da música deveria se também através da escola (ZÉ CABELO, entrevista em 05/08/2019)

A participação da dona Cleonice Apinagé também nesta pesquisa foi de extrema importância para o entendimento da participação da mulher na música Apinajé. A participação da mulher na música Apinajé ela é muito importante porque elas fazem parte da história do surgimento da música do meu povo. E não é só isso, as mulheres também fazem parte desse ciclo da música quando a música é cantada. Ao cantar a música, o cantor precisa da presença delas para que possam ajudar o cantor quando a música é cantada, parecido com o público de uma festa de banda.

As mulheres ajudam o cantor, quando é deixada uma parte da música para as mulheres cantarem, para completar o canto da música e também como se canta no coral. Neste caso, destaco aqui que ouvi isso da cantora e artesã dona Cleonice Apinagé, minha entrevistada.

Foto 4. Entrevista com Cleonice Apinagé



Fonte: Acervo do autor

Segunda a fala da cantora Cleonice Apinagé, que é da aldeia Furna Negra, durante a sua infância ela já tinha curiosidade de conhecer a música do seu povo e além disso gostava também dos jeitos que as pessoas faziam na festa. Ela me falou mais sobre a sua história e a música Apinajé, me disse que desde de criança sua mãe a levava para festas que acontecia em outras aldeias. Com isso ela foi aprendendo a cantar música, aos 12 anos de idade já cantava algumas músicas que são cantadas frequentemente nas festas e na comunidade.

Os tempos foram passando até chega no dia de hoje. Hoje ela já é uma das cantoras mais jovens e experientes em momentos de festas. Na cultura Apinajé as mulheres não usam

instrumentos de música, neste caso durante a sua aprendizagem ela não viu nenhuma mulher tocar um instrumento. Isso fez com que ela não usasse instrumentos musicais em festas tradicionais. Durante todos esses tempos participando das festas nas comunidades ela teve também curiosidade de conhecer a história contada pelo seu povo a respeito da música Apinajé. Neste caso, ao invés de aprender a cantar música ela também conheceu a história do surgimento da música do seu povo. E com isso ela sabe um pouco da história do surgimento da música Apinajé. Em um texto que li durante este trabalho de conclusão de curso diz o seguinte:

Livros que começam com a voz. Os povos indígenas querem ouvir a própria voz. A escrita, grande aliada das classes dominantes, paradoxalmente, torna-se a oportunidade de reversão para os dominados. Eivados das diferentes falas silenciadas, funciona como uma arma que, através de cada frase ou palavra desacostumada, detona com um certo poder: a língua enquanto instituição. É por isso que devemos inscrever os livros escritos pelos índios no campo da política. (ALMEIDA, 2009, p.91).

É a língua que guarda as nossas histórias, que nos ensina quem nós somos. Segundo a história da música Apinajé, que os cantores defendem e que quase todos os cantores conhecem na comunidade, diz que a música “meõ krepox runhti” foi composta para um grupo jovens que iam brincar no mato e se transformaram em pássaros, voaram e foram embora. Essa música “meõ krepox mex” foi composta pelo homem cantor Apinajé há muitos anos atrás e é cantada a noite no pátio e quando o dia for amanhecendo se canta na rua também, terminando a cerimônia no pátio. A história fala que esse homem e mais três pessoas fizeram uma viagem para outro lado do Rio Araguaia para buscar miçangas. E nessa história, na busca das miçangas, aconteceu uma tragédia. Por isso as pessoas que estava fazendo a viagem não chegaram na aldeia. Segundo a história, na chegada o grupo escondeu o seu barco no rio Araguaia e logo encontraram uma pessoa no rio. Essa pessoa pertencia ao povo onde tinha a miçanga. Essa miçanga é produzida pelo próprio povo Apinajé. Hoje em dia já não é mais vista na comunidade. Por isso eu quis fazer o meu trabalho sobre a música Apinajé, para poder contar aqui essas histórias do meu povo.

Então, na história que aprendemos, fala que esses homens eram chamados *Pepxi* e *Pepkrokre*. Foram eles que tiveram ideia de compor música para que o seu o povo possa cantar e se alegrar com a música feita por eles. A história conta mais desse grupo que fez essa viagem para outro lado do rio Araguaia. Nesta viagem aconteceu um caso na chegada nesse povo. O grupo matou uma pessoa que encontraram no rio e roubaram as miçangas dela e decidiram voltar para outro lado do rio, ou seja, voltar para o Tocantins, como é conhecida a

terra hoje em dia. Na volta, eles começaram a compor música, quando eles viam alguma coisa no caminho eles cantavam junto com essa coisa que eles viam. Os dois eram muito inteligentes, qualquer coisa que aparecia na frente deles eles conseguia cantar com essa coisa. E no barco tinha três pessoas com eles, essas pessoas acompanhavam quando os dois cantavam e assim que a música Apinajé surgiu.

Segundo minha entrevistada Cleonice Apinagé, essa história da música fala que até essa viagem o povo Apinajé não tinha música. Ela me contou que a música Apinajé está sempre no espírito do povo e que nunca eles devem ser separados. No entendimento dela, se o povo Apinajé perder a sua música o povo não vai existir mais. Com isso, a música está sempre ligada diretamente com o povo e a música está ligada na vida do povo e no dia a dia da nossa comunidade.

Para ela, a linhagem da música Apinajé desde que surgiu e até o dia de hoje aconteceu diversas mudanças. Essas mudanças aconteceram principalmente na prática e no ensino da música. E também com as perdas de grandes cantores ao passar dos anos. Nesta questão, eu já vinha observando a algum tempo durante na minha vivência na comunidade. A chegada de tecnologia na aldeia e a inclusão de algumas culturas na comunidade fez algumas mudanças no nosso modo de viver. Cito aqui uma das culturas que não é do povo, mas é praticada na comunidade, em cerimônias que são feitas com santos trazidos pelos jesuítas e padres que fazem a catequização do povo Apinajé, isso desde que os Apinajé tiveram o seu primeiro contato com os brancos na beira do Rio Tocantins. Esses foram os primeiros fatos que já começaram a fazer algumas mudanças na cultura Apinajé e que eu percebi nas entrevistas.

Para a Cleonice Apinagé, se não fosse essas mudanças haveriam muitas festas e alegria na comunidade e a prática da música seria muito forte no povo Apinajé. Além disso, o povo também sofria algumas mudanças como invasão de terra, entre outros assuntos. Isso fez com que o povo buscasse novos meios para conter essa situação. Um desses meios foi a educação e mais informação para ficar informados para se defender contra esses fatos.

Neste caso, o povo teve que ser educados e ir em busca de novas coisas para defender o seu povo e seu território. Em 2007, quando eu ainda era uma criança, na aldeia Buriti houve a invasão a nossas terras e houve uma tragédia. Os invasores foram mortos durante a invasão. Essa é uma das histórias sobre as invasões que meu povo sofreu. A aldeia que hoje é conhecida como Brejinhos começou com a grande guerreira a Maria de Almeida, que criou a aldeia depois da tragédia na Aldeia Buriti Comprido. A educação até foi algo bom, mas não supria a necessidade do povo. Essa mudança fez com que jovens saíssem de suas aldeias

para conhecer novas coisas e voltar com novos conhecimentos e mostrar para os jovens e isso fez uma nova visão de vida para os jovens na comunidade. Esse também foi um dos muitos fatores que fizeram mudanças na prática e no ensino da música na comunidade. A dona Cleonice Apinagé fala que os pais dela também pensaram assim e ela também queria estudar, mas na época ter acesso à escola era muito difícil e pouca gente estudava, mas não na aldeia estudavam na cidade. Neste caso a maioria dos jovens ficava sem estudar. Os tempos foram passando e o povo foi lutando e só depois de alguns anos, quando ela já estava alguns anos mais velha, a escola chegou na aldeia e para ela não dava mais para estudar. Hoje em dia ela é cantora e artesã, ela é analfabeta.

Segundo Cleonice Apinagé hoje ela é feliz por ter possuído algum conhecimento do seu povo, ela faz artesanatos e objetos de enfeites usados nas festas culturais realizadas na aldeia. Hoje ela ensina os filhos em várias coisas que acontece na cultura. Explica para os filhos estudar, mas não esquecendo as suas origens e história do seu povo. Ela também participa de grupos que querem resgatar a música cantada pelo povo Apinagé.

Esse trabalho pela música Apinagé é realizado em parceria com a comunidade e também com a Funai. Essa organização reuni todos os cantores da comunidade de todas as aldeias. E também cantores de outros povos, como cantores do povo Krahô. No momento os cantores debatem sobre a música cantada pelo povo.

Eu tive a oportunidade de observar esses momentos de música quando um evento foi realizado na aldeia Boi Morto, em 2018, o Encontro de Cantores. Segundo Cleonice Apinagé, esse evento é aberto para todos os públicos seja criança, jovens, adultos e para aqueles que queiram conhecer a música e aprender a cantar. Reúne todo mundo da comunidade. De dia os grupos juntam-se em uma casa cantando e de noite os cantores ficam cantando no pátio.

No povo Krahô, segundo a fala da Cleonice Apinagé, as músicas cantadas por eles são as mesmas músicas que os Apinagé cantam na comunidade. E ela diz que os Krahô são frequentemente convidados a participar das festas no povo Apinagé. Com isso, eles aprenderam a cantar muitas músicas que pertencem do povo Apinagé. Hoje eles são um dos povos que mais praticam músicas, onde também os jovens se tornam cantores muito cedo.

Para dona Cleonice Apinagé a música do povo Apinagé é muito importante para o povo. A música Apinagé não pode ser esquecida e nem deixada para trás por causa de outras culturas que não é do nosso povo. Há muito tempo o povo Apinagé tinha vários tipos de música, onde as músicas estiveram na vida das pessoas e da comunidade em todos os momentos. Hoje maneira já não é mais a mesma, hoje as pessoas querem mais é pegar nos

objetos dos homens brancos, seja nas tecnologias, roupas e entre objetos de uso. Por causa disso muita gente teve que esquecer um pouco da história de seu povo, alguns totalmente.

## 5. MINHAS PALAVRAS FINAIS

Ter percorrido todo esse caminho até a minha chegada na Universidade Federal do Tocantins foi uma das minhas maiores conquistas. Para mim não foi uma conquista de uma maneira muito fácil. Nós indígenas somos vistos dentro desse espaço por um olhar diferente por essa sociedade que não é a nossa. Mas mesmo assim, a gente consegue se segurar diante desses fatores que nos ferem por dentro. A minha formação nesse espaço, acredito que vai ser muito importante para mim e para o meu povo. Porque o que eu aprendi no curso vai ajudar em alguns pontos que o meu povo ainda precisa de ajuda dentro da comunidade.

Porque nós indígenas exigimos uma educação de qualidade do Estado, mas isso só está no papel. Então, sair da escola na comunidade buscando novas informações para entrar nesse espaço foi muito difícil mesmo. “O caminho a ser percorrido é na escuridão, mas nunca se deve pensar em desistir de buscar de uma luz para ti e para o seu povo”. Essa frase foi que eu achei durante toda minha história até a minha entrada na universidade. E em todos esses casos, mesmo diante todos esses problemas, o nosso curso de Educação do Campo estava preparado para lidar com essa situação, ele traz confiança e esperança para aqueles que estão inseguros no meio da sociedade.

Muitas vezes eu estava inseguro, em todos momentos. Mas aos poucos fui vendo a ajuda dos outros educandos e consegui absorver um pouco dessa confiança. E essa confiança me trouxe força para seguir o caminho que achei. Então hoje saindo da universidade e voltando para a comunidade a minha expectativa é colocar em prática tudo que aprendi dentro desse espaço. E você consegue se sentir como esperança do povo, que trouxe a luz para os jovens e para sua comunidade. E com essa luz a comunidade, os jovens, vão ver a importância de sua cultura e vão acabar valorizando mais, para que não se acabe, e claro, tudo através da educação de lápis e papel e a voz.

E uma das coisas que eu acredito é que muitas pessoas na comunidade não sabem a importância do Curso de Educação do Campo. Mas eu acho que com os conhecimentos que adquiri dentro do curso eu vou fazer diferente com alguns erros que observei na comunidade, com a pesquisa que desenvolvi a respeito do meu povo. É com muita honra e felicidade que estou formando e saindo desse espaço, porque não foi para mim que estou saindo desse curso formado. Estou me formando e saindo desse espaço para fazer novas coisas na minha comunidade. Porque o meu povo precisa de novas lideranças e de ideias para lutar nas causas que afetam o meu povo e aos outros povos.



O curso de Educação do campo não tem nada de ruim nesse curso. Esse curso é a esperança e luz do povo do campo. Hoje o curso de Educação do Campo abriu o meu olhar no mundo de hoje. Se não tivesse esse curso eu não observaria esse mundo do jeito que está hoje. O curso está de parabéns e eu desejo que esse curso cresça mais, ocupando outros campos de outros estados brasileiros. Parabenizar também os educadores, eles fizeram o possível para gente sair bem formado para esse mundo.

O meu sonho é, quem sabe, daqui há alguns anos eu possa estar em umas das salas ministrando uma aula do curso. Porque o curso necessita de conhecimento e método de ensino, precisa de um professor indígena. Mas a gente tem que acreditar que isso acontecerá no futuro do curso de Educação do Campo e não podemos deixar que isso não aconteça. Mas isso depende de nós e de outros colegas indígenas que estão nessa luta.

O meu exemplo sempre estará claro para os jovens na comunidade, como já falei em outras partes, os caminhos a serem percorridos sempre serão difícil, mas não devemos desistir de uma coisa melhor. É melhor do que ficar sem fazer nada parado na comunidade. Então, o significado disso é que a gente tem que acreditar naquilo que a gente quer fazer. Na comunidade pouca gente é graduada em algum curso, neste caso, acredito que o povo Apinajé precisa de mais gente graduado para ajudar o povo na educação e na preservação da cultura e em outras coisas, como nas lutas pelo seu direito e etc.

Espero que o meu exemplo sirva de alguma coisa para muito jovens na comunidade, que continuem estudando e buscando algo que possa ajudar o seu povo no futuro. Não é fácil, mas tem que tentar e acreditar naquilo que você quer. Foi assim que consegui chegar na universidade. Hoje estou no fim do curso, estou aproveitando o máximo possível para fazer algo melhor na minha comunidade. Eu sei que muitos deles acham difícil. Sim, é difícil, mas temos que enfrentar esses momentos para acabar com o nosso medo. Sempre que encontro um amigo que quer saber de alguma coisa do curso e da universidade eu explico para ele. Falo para ele dicas e métodos de estudos que fiz para chegar na universidade. Porque eu já tenho conhecimento a respeito disso, neste caso eu passo para eles seguirem. Na comunidade a gente compartilha informações. Neste caso, quando eu sei de alguma coisa, não fico escondendo de alguém que quer saber, falo para eles.

Eu quero que mais gente nossa entre nesse curso, no Curso de Educação do Campo. As pessoas vão saber a importância de nossas culturas e lutas pelos nossos direitos. Dentro do curso isso sempre vai te acompanhar até o fim. Então, o curso é muito importante para nós indígenas. Hoje vejo o quanto esse curso é importante pra pessoas como a gente. O curso está preparado para atender o povo e os jovens do campo. Mas também para pessoas da

cidade, para que possam conhecer a realidade desse mundo tão complexo que estamos vivendo hoje.

O meu exemplo será muito bem-vindo no meu povo. E acredito que muita gente consegue entrar nesse curso e se formar. Então, uma das coisas que também depende da gente é incentivar os jovens para que tentem entrar nesse curso. Eu já ouvi a fala de pessoas que pensam contra isso, mas não é assim que se deve pensar. Esse curso está para nos ajudar e, por isso, nós indígenas temos que aproveitar e tentar entrar no curso. E quero que muita gente entre nesse curso e saia formado e não desista. Porque através desse curso nós podemos mudar algumas coisas na nossa comunidade com a educação e projetos para ajudar a nossa comunidade. Porque em cada dia e em cada ano que passa aprendemos novas coisas, novos conhecimentos. Então o meu exemplo sempre estará ali para incentivar os jovens da comunidade, para que eles não desistam de seus sonhos e que continuem estudando, para que um dia eles estejam dentro da universidade aprendendo novas coisas.

É isso que eu penso do meu povo, quero ajudar com alguma coisa que tenho. Eu não penso que o meu conhecimento seja só para mim. O conhecimento que eu tenho é para o meu povo, ajudar eles com as coisas que eu tenho e que sei. No trabalho que desenvolvi sobre a música Apinajé, foi possível descobrir fatos importantes e ideias interessantes para o fortalecimento da música Apinajé. Falarei um pouco sobre esses fatos.

Primeiro, através dessa pesquisa podemos conhecer parte da história sobre a música Apinajé. Como foi que surgiu e essa foi umas das histórias que pouca gente conhece nos dias de hoje. Essa história é uma das histórias que deveriam ser resgatadas para que as pessoas possam conhecer um dia. Sem essas histórias, as músicas são cantadas, mas as pessoas não sabem como elas surgiram.

Segundo, sobre os tipos de músicas cantadas na comunidade. Bom, hoje o povo Apinajé tem poucas músicas que são cantadas na comunidade. Como é o caso de “*meõ krepox runhti*”, “*pár kape*”, “*meõ krepox mex*” e entre outras músicas que são usadas na comunidade. Segundo os relatos dos entrevistados neste trabalho, há muitos anos os Apinajé tinham muitas músicas. Mas hoje, o povo perdeu muitos cantores que faleceram e a maior parte da música foi perdida.

Terceiro, o uso de instrumentos na música Apinajé. O uso de instrumento na música Apinajé teve o mesmo processo de perda, como da música. Quando a música foi desaparecendo da comunidade por falta de cantores, os instrumentos também foram desaparecendo. Com isso, muitos dos instrumentos foram perdidos. Hoje os Apinajé têm somente dois instrumentos que são usados. São eles: o maracá e a saia ou saia de fieira.

Foto 4 – Edison Apinagé e seu Maracá



Fonte: Acervo do autor

Quarta, a perda de música e dos instrumentos tem os fatores que fazem isso. São eles a prática de culturas que não são nossa e também a facilidade de acesso à tecnologia pessoal, como celular e a televisão. Além disso, tem o desinteresse de jovens para aprender a sua música e sua cultura. Porque a maioria dos jovens Apinagé hoje tem acesso à internet na aldeia. Neste caso, isso é um dos fatores que também fazem essa mudança.

Quinto, o povo Apinagé tem uma única opção para sair dessa situação: é através da escola na comunidade. Acredito que hoje o povo precisa que a escola faça alguma coisa pela cultura do povo. Em 2007 a escola fazia festivais de cultura Apinagé e era uma das grandes atrações na comunidade e a comunidade gostava. Hoje não tem mais e o povo não está se preocupando com sua cultura. Hoje eu relembro disso, fico triste. Os jovens não querem mais aprender com os mais velhos e anciões, então a escola é a única que pode reverter.

Sexto, como os Apinagé tem acesso à internet na aldeia, seria muito interessante que os educadores fizessem algo que pudesse ajudar a comunidade. Essa iniciativa seria da escola da comunidade. A escola poderia organizar festivais e projetos para ajudar os alunos da escola e também a comunidade. Mas o que eu vejo é que as pessoas não têm esforço para fazer isso na sua comunidade através da educação.

Sétimo, durante a minha pesquisa participei de duas festas que aconteceram nas duas aldeias Apinagé. Uma foi na aldeia Brejinhos, festa que homenageia a grande guerreira a Maria de Almeida e o seu filho.

Foto 5 - Maria de Almeida e Zé Cabelo - Cantores do povo Panhí



Fonte: Acervo de Rosa Adelina Sampaio (2017).

Nesta festa pude observar que o povo tem a esperança de resgatar parte de sua música e de sua cultura. Nesta festa eu vi que a maioria das pessoas eram os jovens, com poucas pessoas mais velhas. E na outra festa, que foi na aldeia Palmeira onde também é uma das maiores festas que acontece atualmente no povo Apinajé, a maioria era de jovens da comunidade. Nestas duas festas observei a apresentação de dois cantores jovens. Teve a celebração e a apresentação deles para a comunidade Apinajé. Esse momento foi muito especial para o povo Apinajé. E quando eu vi esse momento, eu achei que o povo Apinajé tem a esperança de resgatar a sua cultura através da educação.

Oitavo, apesar de eu ter falado que o povo Apinajé volta se a interessar pela sua cultura e sua música através da escola, mas só tem uma coisa que falta: alguém capacitado para isso. Uma pessoa que tenha o conhecimento para fazer isso, para estimular os jovens a voltar para sua cultura e a história do seu povo. Eu vejo que o curso de Educação do Campo tem essa capacidade de preparar educadores para essa situação. E eu espero que nós Apinajé que estamos nesse curso, que a gente possa concluir o curso para ajudar o nosso povo. Porque o nosso povo Apinajé precisa de nosso conhecimento e ideias para enfrenta problemas que afetam o povo Apinajé.

Então, essas foram as informações que achei e que vieram na pesquisa. E são ideias que deveriam ser colocadas em prática para ver o resultado. Mas acredito que se for colocado em prática vai dar certo, porque não tem como essa ideia não dar certo. Hoje os jovens gostam da sua cultura, mas o que falta mesmo é alguém que ensine e estimule eles. A falta disso gera desinteresse dos jovens pela sua cultura.

Essa pesquisa desenvolvida a respeito da música Apinajé, acredito eu que ela vai ajudar o meu povo no futuro próximo. Porque é o primeiro trabalho que estou fazendo sobre a música do meu povo, o povo Apinajé. Espero que esse trabalho seja desenvolvido mais por mim, para que possa ser publicado e que se torne um exemplar para os jovens da minha comunidade. E eu acho muito importante esse trabalho, porque eu sou um dos primeiros alunos Apinajé que faz um trabalho a respeito da música do meu povo.

Hoje os Apinajé têm pouca coisa escrita sobre a sua cultura, então esse trabalho será um dos trabalhos que irá ajudar muito o meu povo. Porque esse trabalho, ele registra umas das culturas que está em processo de desaparecimento há muitos anos, quando o povo teve contato com os homens brancos, ou seja, com os *Kupê*.

Neste caso, se esse trabalho for publicado, ele chegará nas escolas e os alunos vão ter acesso a informações importantes sobre a sua música. Vão ler e entender as informações que estão contidas no trabalho. Quem sabe eu posso trabalhar mais com essa pesquisa, para desenvolver mais ela. Este trabalho é para todo público na comunidade, não é só para mim que desenvolvi esse trabalho. O meu sonho é escreve algo para o meu povo, que ajude eles. Hoje há muitas coisas escritas sobre o povo Apinajé, mas esses trabalhos não chegam na comunidade por faltar alguma coisa que eu não sei o que é, mas o que eu quero é que esse trabalho chegue na comunidade, para eles fazerem as leituras e entender um pouco dessa pesquisa. Porque o meu povo necessita disso para conhecer a realidade de sua cultura.

O meu povo precisa de conhecimentos como o livro “ Alfabetização pelos conhecimentos”, que traz para o nosso povo os conhecimentos indígenas e os processos de ensino através do nosso próprio povo.

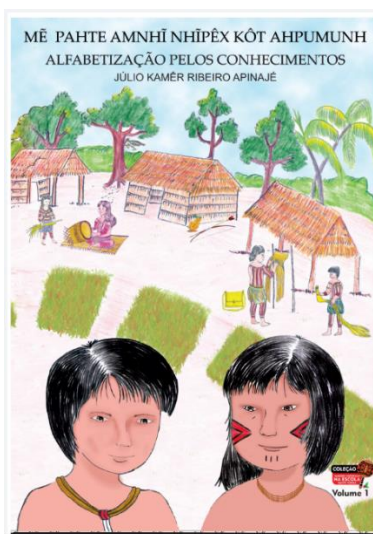


Imagem 01 – LIVRO ALFABETIÇÃO PELOS CONHECIMENTOS

Um livro escrito por um professor Apinajé como esse do professor Júlio Kamer<sup>9</sup> ajuda meu povo a acreditar na importância da escola, ajudando a valorizar os conhecimentos indígenas, as nossas histórias e a nossa forma de aprender e ensinar. Espero que estes trabalhos ajudem o meu povo de alguma forma com a sua cultura no presente. Mas acredito que nós, alunos do curso de Educação do Campo, temos a total capacidade de ajudar o nosso povo com o que temos. E este trabalho, ele mostra um pouco disso, da situação que afeta a cultura do povo Apinajé. E esta pesquisa será importante para mim e para a comunidade Apinajé.

---

<sup>9</sup> Júlio Kamêr Apinajé Ribeiro foi o primeiro homem indígena Apinajé mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFG).

## REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena Apinayé**. Niterói, 2007, 255 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Os Apinayé: informações sócio-históricas. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.199-219, dez. 2008.

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. Texto, contexto e significativos: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 45, p. 66-71, mai. 1983.

\_\_\_\_\_. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto, 1994.

EREMITES, Jorge de Oliveira. Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória. **Prosa Uniderp**. v. 3, n. 1, p. 39-48, jun. 2003.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História** (São Paulo), São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun., 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 30, 31 e 32, p. 1-8, 1989.

GIRALDIN, Odair e APINAGÉ, Cassiano S. As tradições orais já não bastam: a pesquisa como estratégia de preservação. São Luis, **Repocs**, v.15, n.29, jan./jul. 2018

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. Os "Timbira atuais" e a disputa territorial. In: LADEIRA, Maria Elisa. **Revista de Estudos e Pesquisas**. FUNAI, Brasília, V.1, N°2 (dez. 2004). 141-155 p.

LIMA, Lílian Castelo Branco de; Pacheco, Agenor Sarraf. Maricota Apinayé: patrimônio de saberes. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 223-238, abr./jun. 2014.

LUCIANO, G. J. D. S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real - Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 370. 2011.

MATTA, Roberto da. Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976. 256 p. (**Antropologia, 10**). Apresentado originalmente como Tese de Doutorado. 1970, Harvard University.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. Belém: MPEG, 1983. 146 p.

POLECK, Lydia (Org.). **Receitas Krahô e Apinajé**. Goiânia: UFGO; Brasília : **Funai**, 1994. 32 p. (Textos Indígenas, Série Receituário).

RIBEIRO, Júlio Kamêr Apinajé. **Alfabetização pelos conhecimentos**. Coleção Saberes Indígenas na Escola. Palmas, 2017.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil: 1991/1995**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 637-41.

RODRIGUES, Wallace. **O processo de ensino-aprendizagem Apinayé através da confecção de seus instrumentos musicais**. Universiteit Leiden. Leiden. 2015.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo, atlas, 1985.

SALANOVA, Andrés Pablo. **A nasalidade me Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante**. Campinas: Unicamp, 2001. 93 p. (Dissertação de Mestrado)

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.



APÊNDICE A – (Música cantada na festa de Tora Grande)

PARTE=1

ME Grez.

PAR KAPÊ KAMÃ KAPE Hã

RÔ RE Kã  
 RÔ RE Kãã  
 nha êh êh êh êh  
 nha ôh ôh ôh

RÔ RE Kã  
 RÔ RE Kãã

RÔ RE Kãã  
 nha êh êh êh êh } 1X  
 nha ôh ôh ôh

ôh ôh ôh

RÔ RE Kã  
 RÔ RE Kãã

RÔ RE Kãã  
 nha êh êh êh êh  
 nha ôh ôh ôh

---

PARTE=2

Wa Ka a Ka Kãã  
 Wa Ka a Ka Kã hô  
 nha êh êh êh êh  
 nha ôh ôh ôh

ôh ôh ôh } 2X

Wa Ka a Ka Kãã  
 Wa Ka a Ka Kã hô  
 nha êh êh êh êh  
 nha ôh ôh ôh

APÊNDICE B – (Música cantada em todas as festas do povo Apinajé)

⇒ Parte = +  
 ↳ música-peixe praquei maranda  
 dentro d'agua morando um local  
 que entra -

Memoj tá Kapem mē Gner

Krooo hōja, kroohti  
 mōõnē, hari Kwyy ja

Krooo hōja, kroohti  
 mōõnē, hari Kwaa hōja

Krooo hōja, kroohti  
 mōõnē harij py py hti  
 hta

Uja Krit hti Kar Kōh nōj  
 ari Kwyy yja.

Krooo hōja, kroohti  
 mōõnē, hari Kwyy hōja

Krooo hōja, kroohti  
 mōõnē, hari Kwaa hōja

Krooo hōja, kroohti